

para chefe de gabinete do então ministro da Justiça, dr. Martinho Nobre de Melo, lugar que desempenhou com grande apuro moral e político. Fez parte da primeira Câmara dos Deputados, após o citado movimento político, e ali se distinguiu pela sua combatividade, sendo um dos cinco deputados que assinaram o projecto de pena de morte para o assassino do presidente, apesar de o movimento monárquico de Monsanto ter criado uma geral má-vontade de todos os republicanos para com os sidonistas. Retirou-se depois da política e voltou à advocacia e ao seu lugar de conservador do Registo Civil. Colaborou em diferentes projectos relativos à reforma do Código do Registo Civil. Em 1932 foi nomeado juiz-adjunto dos Tribunais Colectivos, o que o fez abandonar o lugar de chefe do contencioso do Banco Burnay, que exerceu durante catorze anos seguidos. Tem publicado diferentes artigos da sua especialidade em diversas revistas jurídicas e ainda estudante do liceu publicou um livro sobre Ciências Naturais que foi muito apreciado.

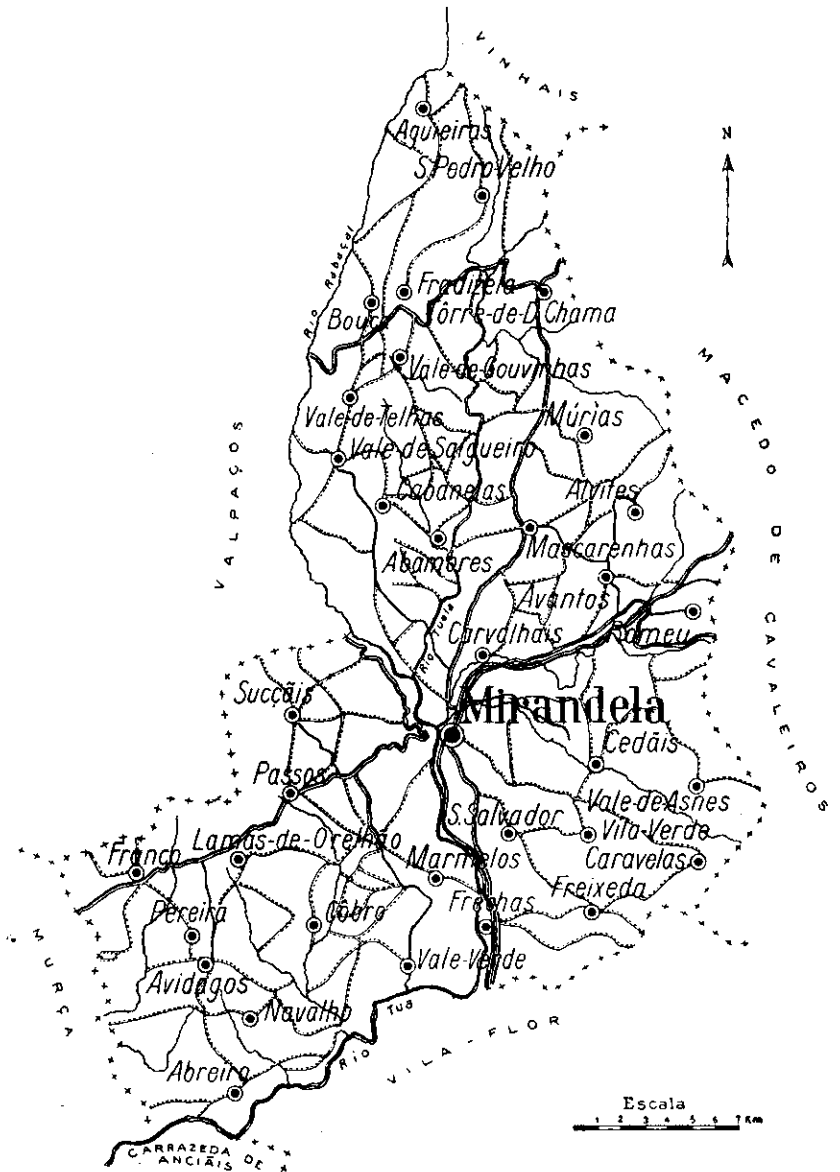
MIRANDA EVERARD (Francisco). Comandante do bloqueio dos Açores contra os liberais, em 1829. A sua força era constituída pela nau «D. João VI» e as fragatas «Pérola» e «Diana». Como tivesse apreendido uma escuna inglesa de carga, o governo britânico reclamou e os migueleiros tiveram que destituí-lo do seu cargo.

MIRANDA GUEDES (António Pinto de). Engenheiro, n. em Poaires da Régua em 1875 e m. no Porto em 1937. Depois de frequentar a Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, matriculou-se na antiga Escola do Exército, onde concluiu com distinção, em 1897, o curso de engenheiro civil e de minas. Iniciou logo a sua carreira, grande parte da qual foi feita no Ultramar, principiando por prestar serviço na Direcção das Obras Públicas da ilha de S. Tomé. Mais tarde foi nomeado chefe da secção de Agrimensura da província de Angola e da Divisão de Estudos do Caminho de Ferro de Malanje. Exerceu depois, a partir de 1906, os seguintes cargos: director das O. P. de Macau e do Estado da Índia, director dos Caminhos de Ferro de Angola e das O. P. de Moçambique, secretário provincial das O. P. e Minas de Angola e vogal do Conselho do Governo daquelas duas províncias ultramarinas. Desempenhou ainda várias comissões de serviço e foi governador interino de S. Tomé. Regressou à metrópole em 1921 e, no ano seguinte, a Câmara Municipal do Porto escolheu-o para engenheiro-chefe da sua Repartição Técnica. Em 1928 foi nomeado director dos Serviços Municipalizados das Águas e Saneamento daquela cidade, lugar que ocupava à data do seu falecimento. Funcionário culto e muito competente, foi louvado mais

de uma vez pelo governo e pela C. M. do Porto. Era oficial da Ordem de Santiago.

MIRANDA HENRIQUES (Manuel). Governador da cidade de Évora, quando do cerco e conquista desta praça em 1663, pelas tropas de D. João de Áustria. Vítima de uma doença grave, a sua intervenção foi nula neste acontecimento.

MIRANDA MONTENEGRO. Para as biografias das individualidades destes apelidos, v. *Montenegro*.



CARTA TOPOGRÁFICA DO CONCELHO DE MIRANDELA

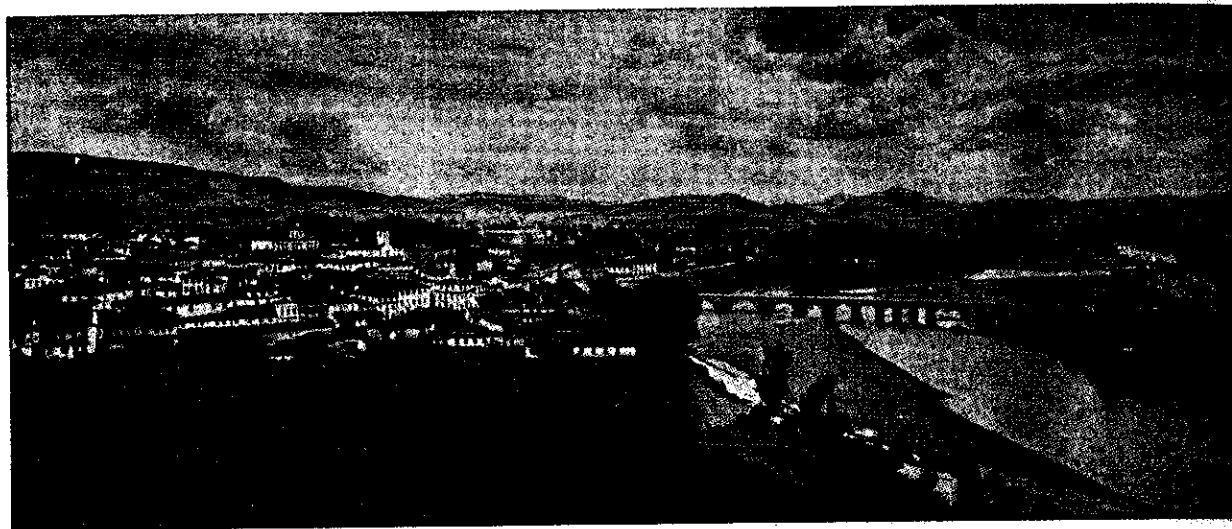
MIRANDA Y DE LA RUA (Luís Rodolfo). Diplomata cubano. Foi encarregado de negócios desde 1914 e ministro residente em Lisboa de 1919 a 1923.

MIRANDEIRA, adj. e s. f. Bras. Raça bovina de Mato Grosso.

MIRANDELA. Vila, sede de conc. rural de 2.ª ordem, fisc. de 3.ª classe, sede de com. de 3.ª classe, dist. e dioc. de Bragança, rel. do Porto; orago da freg. da sede do conc., N.ª S.ª da Encarnação. Dista 64,5 km. de Bragança e é servida pela est. do mesmo nome, na linha do Tua. O conc. tem uma área de 674,08 km.², distribuídos por 35 freg.: Abambres, Abreiro, Agueiras,

Alvites, Avantos, Avidagos, Bouça, Cabanelas, Caravelas, Carvalhais, Cedães, Cobro, Fradizela, Franco, Frechas, Freicheda, Lamas de Orelhão, Marmelos, Mascarenhas, Mirandela, Múrias, Navalho, Passos, Pereira, Romeu, S. Pedro Velho, S. Salvador, Sucções, Torre de D. Chama, Vale de Asnes, Vale de Gouvinhas, Vale de Salgueiro, Vale de Telhas, Vale Verde e Vila Verde, com uma pop. total de 27.348 hab., em 6.920 fogos, dos quais 4.163 hab. em 1.172 fogos correspondem à freg. da sede do conc. Tem est. telég.-telef.-post. de 1.ª classe, com serv. de val. decl., enc. post., cob de tít., letras e vales, esc. prim., ag. banc. e de seg., estação sericícola Meneses Pimentel, Misericórdia e hospital, caixa de crédito agríc. mútuo, grémio do comércio, campo de aviação, assoc. desp., soc. mút. e recreat., teatro, fáb. de cerâmica e aglomerados de cortiça, fogos de artificio e rollas e posto da Guarda Nacional Republicana. Tem várias minas de estanho, ouro e arsénio. Tem feiras: a 3, 14 e 25 de cada mês, na sede do conc., de gado e géneros agrícolas; a 25 de Julho, feira anual de

-1512. Tem a vila as ruínas de um castelo, de que se ignora a fundação, provavelmente de D. Dinis, que teria aproveitado obras já existentes. Como pertencia aos Távoras, donatários da vila, era conhecido por *castelo dos Távoras*. Estes fidalgos, que tinham o seu palácio na vila, perderam com a vida, em 1759, os seus senhorios. O palácio esteve durante 115 anos ao abandono e caía em ruínas quando os condes de S. Vicente (da mesma família) o reconstruíram completamente. Passou mais tarde à posse do conselheiro Daniel Tavares, depois à Câmara Municipal, que o adaptou a quartel, e em 1903 foi adquirido pelo Ministério da Guerra. A Misericórdia de Mirandela data de 1518. Já no séc. XIX, em 1818, começou a construir-se fora da vila um convento para os religiosos da Trindade, que não chegou à conclusão, sendo vendido em 1835 e transformando-se em propriedade particular. É tradicional nesta região a criação do bicho-da-seda. A construção do caminho de ferro do Tua, inaugurado em 27-IX-1887, deu grande incremento a esta região. Dos monumentos locais o mais notável é



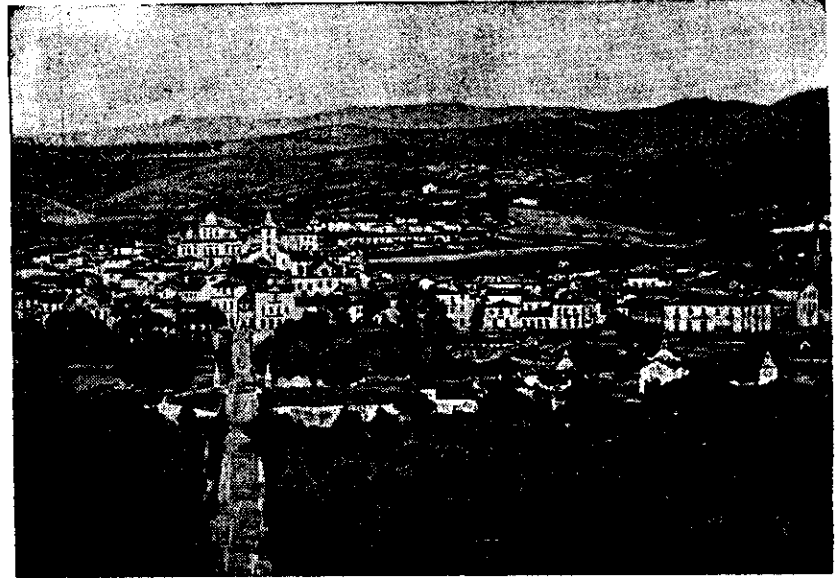
Vista geral de Mirandela

Santiago; a 5 e 17 de cada mês, em Torre de D. Chama; a 10 e 21 em Franco, de gado; a 8, em Lamas de Orelhão. Tem mercados: todas as quartas-feiras, na sede, e às segundas, sextas e sábados em Torre de D. Chama. Tem romarias: a N.ª S.ª do Amparo, no 1.º domingo de Agosto; a S. Brás, em Torre de D. Chama, a 3 de Fevereiro, e ao Mártir S. Sebastião, no 2.º domingo de Setembro. O descanso semanal é ao domingo e o feriado municipal no dia 1.º de Maio.

Mirandela é pov. muito antiga, que já existia no tempo dos Romanos. Segundo as *Inquirições* de D. Afonso III, consta que o termo fora povoado no tempo de D. Afonso II. No tempo do seu sucessor havia em Mirandela uma igreja de S. Martinho que era abadada pelo rico-homem que da mão do rei recebia a terra. O arcebispo de Braga recebia a *colheita*, mas os moradores mudaram o sítio da igreja e o arcebispo ficou com a terça. Que era pov. importante no tempo de D. Afonso III mostra-o o facto de este monarca a ter elevado à categoria de vila, por foral dado em Guimarães, a 25-V-1250. D. Dinis deu-lhe outro foral, em Coimbra, a 7-III-1291. D. Manuel, finalmente, concedeu-lhe foral novo, em Lisboa, a 1-VII-

a ponte sobre o Tua, cuja primitiva construção se atribui aos Romanos. Está classificada como mon. nac. É uma extensa ponte de cantaria, com vinte arcos (primitivamente eram vinte e dois), e grades de pedra, com os pilaretes de metro a metro. Do antigo pelourinho da vila resta um fragmento em poder da Câmara Municipal. Durante a guerra civil da «Maria da Fonte» houve em Mirandela um renhido combate a 1-V-1847. Durante a chamada *Monarquia do Norte* houve também um combate em Mirandela. Como a guarnição de Vila Real não dispunha de pessoal nem de material para resistir às forças monárquicas, vindas do Porto, retirou para Chaves, sendo a capital do distrito ocupada pelos rebeldes, os quais passaram a fazer incursões sobre Mirandela, pela estrada de Murça. Esta pequena vila, sede do extinto Regimento de Infantaria de Reserva n.º 10, com uma pequena força de guarnição, algumas praças da Guarda Nacional Republicana, da Guarda Fiscal e alguns civis, defenderam, com elevado espírito combativo, a primeira tentativa de ocupação. Passado o pânico dos primeiros tiros e sabendo o comandante militar de Mirandela que forças mais numerosas procuravam tomar aquela vila,

solicitou que de Chaves e Bragança lhe fossem enviados reforços urgentes. Para satisfazer a tal solicitação saiu de Chaves, às 19 horas do dia 1-II-1919, uma força de 30 praças. A marcha fez-se em camioneta, pela estrada de Valpaços, e com a missão de entrar em Mirandela na manhã seguinte, ou atacá-la, caso já estivesse ocupada pelos monárquicos. Ao contrário do que se julgava, Mirandela ainda arvorava àquela hora a bandeira republicana, atravessando livremente as forças de reforço a ponte sobre o rio Tua. Neste mesmo dia chegou de Bragança outro pelotão de infantaria, realizando-se uma reunião de oficiais para estudar a forma de dispor as tropas para a defesa, cabendo ao pelotão do 19 um sector próximo da estação de caminho de ferro, que dominava toda a margem direita do Tua e estrada de Murça; ao de Infantaria 10, o sítio conhecido por Canal, que fica na margem esquerda, e para montante da ponte; às praças da G. N. R., Guarda Fiscal e civis foi-lhes confiada a defesa da ponte, onde estabeleceram barricadas. As tropas, com este dispositivo, foram de novo atacadas no dia 2, mas sem consequências de maior. Durante mais de uma semana as tropas leais mantiveram as suas posições sem alteração. Porém, na manhã de 11, avistaram-se várias colunas em marcha pelas montanhas vizinhas, e logo se imaginou um ataque de envergadura para esse dia, que, certamente, terminaria pela perda da vila. A artilharia adversa começou por martelar logo de manhãzinha as posições republicanas. O cerco foi-se apertando e, ao sol-posto, as forças do alto da estação já se encontravam num círculo de fogo, restando apenas uma pequena brecha para o lado da via férrea, mas muito perigosa para uma retirada em ordem. As vanguardas das colunas monárquicas aproximam-se das primeiras casas da vila e a situação torna-se crítica por cada minuto

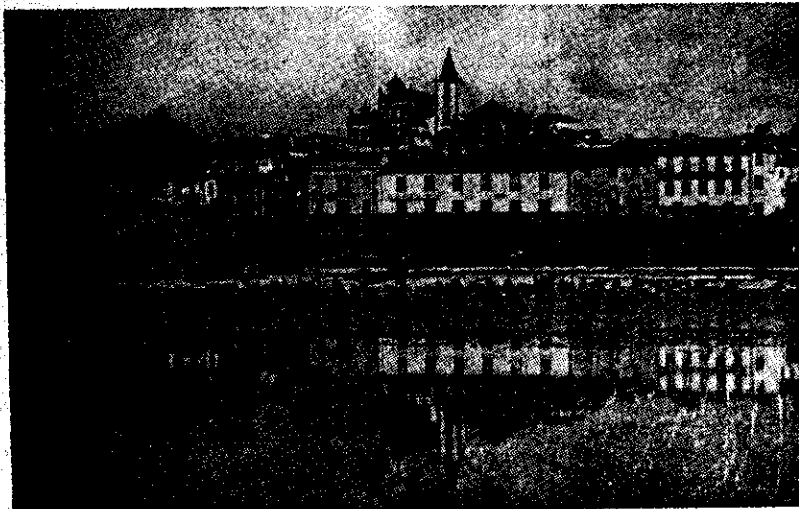


Vista parcial de Mirandela

que passa. Resolve-se então uma retirada habilidosa pelo caminho de ferro do lado de Bragança, ligeiramente em aterro, mas onde as balas inimigas ricocheteavam nos carris com fúria ameaçadora. Esta retirada fez-se até ao primeiro apeadeiro, onde um combóio previamente organizado recebeu os combatentes, que chegaram a tempo de embarcar. Caso sério deparou-se quando o comboio foi atacado. Os que puderam saltar das carruagens ainda esboçaram um ataque, que a noite prejudicou; os que não o conseguiram, foram presos e conduzidos ao Porto, alguns feridos gravemente. Assim terminou o terceiro e último combate de Mirandela, entre monárquicos e republicanos, morrendo nesta acção, do lado monárquico, o oficial Costa Alemão, e, do lado republicano, um sargento do Regimento de Infantaria de Reserva n.º 10. Mirandela veio a ser condecorada com o grau de cavaleiro da Ordem da Torre-e-Espada, cujas insígnias lhe foram entregues solenemente a 1-VIII-1920. Fazem parte da freg. da sede do conc. os lugares: Bronceda, Choupim, Coitadas, Freixedinha, Gelfeiras, Quinta Branca e Q. da Rocha, S. Sebastião e Vale de Madeiro.

MIRANDELA (Dr.). V. Henriques (Francisco da Fonseca).

MIRANDELA (Viscondes de). Foi 1.º Visconde deste título Francisco António da Veiga Cabral da Câmara Pimentel, senhor do morgado de Machuca e padroeiro do convento de S. Francisco de Bragança, marechal do exército, grã-cruz da Ordem de S. Bento de Avis, governador da Índia, governador das Armas do Rio de Janeiro, conselheiro do Supremo Conselho de Justiça Militar, etc., n. em 1734 e m. a 31-V-1810, sendo filho de Francisco Xavier da Veiga Cabral da Câmara, fidalgo da casa real, comendador da Ordem de Cristo,



O Tua em Mirandela

(Foto A. A. Martins)

gnora
apro-
voras,
voras.
per-
alácio
uínas
lia) o
de à
imara
dqui-
Mi-
neçou
riosos
ven-
par-
icho-
Tua,
ito a
vel é

ribui
uma
tiva-
n os
o da
ipal.
em
te a
bate
dis-
orças
aves,
s, os
pela
tinto
uma
arda
civis,
neira
eiros
que
vila,